

N° 4 – Ano 21 Outubro-Dezembro 2023

Publicação Périodica Trimestral Obras Missionárias Pontifícias

Preço Capa: 0,01 €



A Igreja na Missão de Deus • O protagonista do anúncio: o Espírito Santo A alegria do amor • Ideias-força das Jornadas Missionárias 2023 A vocação de Maria • CEPAC: 30 anos a construir esperança

JMJ Lisboa 2023



"Amigos, permiti dizer-vos: procurai e arriscai. (...) Jovens tende a coragem de substituir os medos pelos sonhos: não administradores de medos, mas empreendedores de sonhos!"

(Papa Francisco aos jovens universitários)



FICHATÉCNICA

DIRECTOR P. José António Mendes Rebelo

MISSÃOZINHA OMP Anna Kudelska

PROPRIEDADE E EDIÇÃO Direcção Nacional de Propagação da Fé

SEDE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO Rua Ilha do Príncipe, 19 1170-182 LISBOA TIf: (+351) 21 814 84 28 Email: missio.omp@netcabo.pt

NIPC: 501132619

Homepage: https://www.opf.pt/

ESTATUTO EDITORIAL https://www.opf.pt/missao-omp

Depósito Legal N° 192499/03 NIPC 501 132 619 - I.S.S.N. - 1647 - 9203 Registo na ERC n° 104247

IMPRESSÃO: Jorge Fernandes Rua Quinta do Conde de Mascarenhas, 9 2820-652 Charneca da Caparica https://www.jorgefernandes.pt/

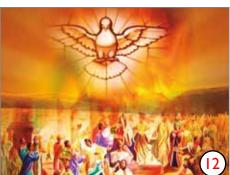
TIRAGEM: 4.080 Preço de capa: 0,01€

FOTOGRAFIA: João Fernandes; Arquivo OMP









SUMÁRIO

Editorial	3
A Igreja na Missão de Deus	4
O protagonista do anúncio: o Espírito Santo	12
A alegria do amor	14
A vocação de Maria	16
Ideias-força das Jornadas Missionárias 2023	18
Peditório Diocesano das Missões em 2022	20
CEPAC: 30 anos a construir esperança	2I
A Missão é divertida:"Ora bolas, a minha sandes!"	22
Escaparate	23

Edit rial



Igreja de todos e para todos!



Durante a Jornada Mundial da Juventude, em Lisboa, o Papa Francisco repetiu uma ideia que lhe é cara: "A Igreja é o lugar para todos... Todos, todos, todos!" E explicou o que tinha em mente: "Ninguém é inútil, ninguém é supérfluo, há espaço para todos. Assim como somos, todos... Porque Deus nos ama, Deus nos ama como somos, não como gostaríamos de ser ou como a sociedade gostaria que fôssemos: como somos. Ele nos ama com os defeitos que temos, com as limitações que temos e com o desejo que temos de seguir em frente na vida. Deus chama-nos assim: tenham confiança porque Deus é pai, e é um pai que nos ama, um pai que nos quer bem."

Já no discurso aos participantes na Assembleia Geral das Obras Missionárias Pontifícias, no dia 3 de Junho deste ano, em Roma, o Pontífice tinha falado do "coração" da missão evangelizadora da Igreja, como sendo, "chegar a todos com o dom do amor infinito de Deus, procurar a todos, acolher a todos, oferecer a vida por todos sem excluir ninguém. Todos. Esta é a palavra-chave."

Trata-se de uma ideia profundamente bíblica, que emerge nas parábolas do Reino. Na parábola do banquete nupcial (Mt 22, I-14), dado que os primeiros convidados não vieram porque "um foi para o seu campo e outro para o seu negócio", o Senhor manda os Seus servos pelas encruzilhadas e convidar quem encontrassem. Todos são convidados para o banquete: maus e bons, sãos e doentes... todos. A ideia é reforçada na parábola do Trigo e do Joio (Mt 13, 24-30) e na parábola da rede lançada ao mar que recolhe todo o tipo de peixes (Mt 13, 47-50), onde é dito que o bem e o mal, os bons e os maus convivem no mundo e na Igreja até à separação que é feita para a eternidade.

O convite para o Banquete de Jesus é universal, mas nem todos aceitam ou vestem o traje nupcial requerido (Mt 22, 1-14), que é a maneira de comportar-se com Deus e com os outros; é o hábito do amor vivido cada dia. Por isso, Jesus conclui a parábola do banquete dizendo que "muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos." "Escolhidos" são aqueles que aceitam livremente responder

ao chamamento de Jesus, não com palavras, mas com actos e em verdade, e se tornam discípulos missionários.

O Papa Francisco, na sua Mensagem para o Dia Mundial das Missões, deste ano, diz que "não se pode enontrar verdadeiramente Jesus ressuscitado, sem se inflamar no desejo de o contar a todos"; e diz ainda que "todos podem contribuir para este movimento missionário: com a oração e a acção, com ofertas de dinheiro e de sofrimento, com o próprio testemunho."

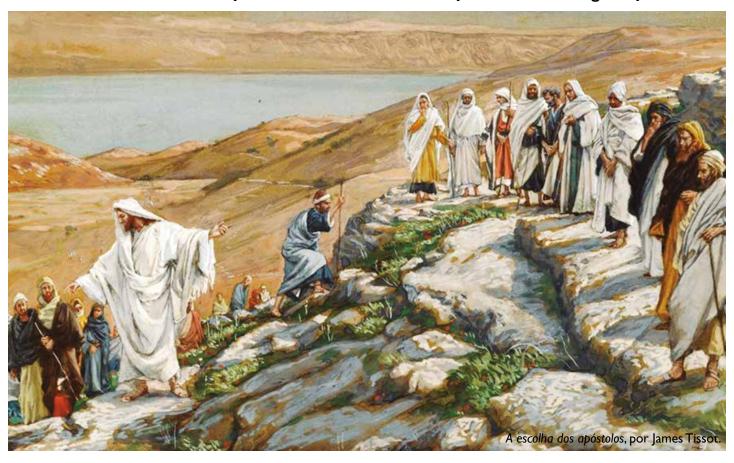
testemunho missionário é caracterizado pela alegria. O Papa Francisco, na vigília da JMJ, com os Jovens, no Parque Tejo, no dia 5 de Agosto, disse que "a alegria é missionária". Certamente porque ela é contagiante e mostra o fruto da fé em Jesus. Sente-se no encontro com Jesus e com os outros, especialmente no serviço. A alegria nasce espontaneamente no coração quando nos comprometemos generosamente com Deus e o Seu povo.

Sejamos testemunhas alegres do do amor universal de Deus!

MÍSSÃO e Expiritualidade

A Igreja na Missão de Deus

É urgente passar de uma 'pastoral de conservação' – ir aguentando o que temos, enquanto pudermos – a uma pastoral missionária que dá prioridade ao anúncio do Evangelho a quem não o recebeu. Porém, muitos evangelizadores ocupam o melhor das suas forças em 'trabalhos de conservação' e não de evangelização.



a Igreja do nosso tempo, apren-Idemos a gostar muito da palavra 'Missão'. Aqui em Portugal, é muito popular a 'Missão país' dos estudantes universitários que vivem a alegria da solidariedade dedicando algum tempo de férias para partilharem vida, trabalho, amizade em contextos humanos mais desfavorecidos. Alguns dos que participam talvez nem se reconheçam como cristãos, mas gostam de dizer que também são 'missionários'. Missionários são também os das nossas dioceses, ou ligados aos institutos de consagradas e consagrados, que, depois de alguma preparação, são enviados e passam um mês, ou mais, em Cabo Verde, Moçambique, ou Timor, ... em experiências de solidariedade, trabalho, conhecimento de outras culturas, etc.

Missionária é também a irmã de Madre Teresa que encontrei há algumas semanas no sul da Etiópia: é indiana, e está lá há cinquenta anos a cuidar de crianças deficientes e abandonadas; missionário foi também o padre José Ambrosoli, um médico Comboniano que viveu 30 anos no norte do Uganda, onde fundou um grande hospital, com uma escola para parteiras. Dizia que o Cristo que ele via na Eucaristia, quando celebrava a Missa, era o mesmo Cristo que via no rosto dos doentes no bloco operatório. Foi beatificado, está a fazer um ano.

Muitos tipos de missionários e missionárias, todas e todos participando numa coisa que chamamos 'Missão'. O que é que quer dizer essa palavra, 'Missão'?

Antes de falarmos em Missão 'ad

extra', aos outros povos, ou missão 'ad intra', aqui entre nós, é importante esclarecer o seu significado. Para nós, cristãos, a que é que se refere, exactamente essa palavra 'Missão'?

I.A Missão é de Deus

Um teólogo missionário verbita, Stephen Bevans, escreveu há pouco tempo uma definição de 'Missão' que nos pode ajudar:

"Em última análise, ... a missão cristã refere-se à nossa colaboração com Deus para completar a criação, trabalhar com Deus para realizar o Seu sonho de harmonia e de união radical entre todas as criaturas, entre as várias partes da criação, e entre nós".

Em palavras simples, a Missão é a tarefa que Deus Se deu a Si mesmo criando o mundo e fazendo nascer



a humanidade; o Seu objectivo é transformar a família humana de tal maneira que possa viver em fraternidade e harmonia, em comunhão com Deus e uns com os outros, de tal modo que as próprias criaturas, o universo, possa avançar na realização do sonho de Deus para todos.

E por isso que dizemos que a Missão é de Deus. Nós colaboramos com Deus na realização do Seu sonho para a humanidade. Foi para realizar esse 'sonho' que Deus, a Seu tempo, chamou Abraão e Sara para constituírem um 'povo eleito' que fosse no mundo um sinal do plano que Deus tem para todos os povos. No desenrolar da história, Deus precisou de lhes enviar profetas para manter esse povo fiel à aliança que Deus tinha feito no tempo de Abraão e que renovou no tempo de Moisés. O longo caminho de Deus com Israel levou a uma nova fase da realização da missão de Deus no mundo. Com a vinda de Jesus Cristo, Deus tornou-Se presente e activo no mundo de maneira inteiramente nova. Veio pessoalmente para inaugurar uma nova fase no caminho da humanidade. Jesus chamou-lhe o 'Reino de Deus'.

A maneira como Jesus realizou a Sua parte na Grande Missão de Deus em favor do mundo inteiro, é o caminho que os Seus discípulos de todos os tempos são chamados a seguir, cada um, ou cada grupo, realizando a sua 'pequena missão' específica, como colaboração na 'Missão Grande' de Deus: a transformação da humanidade e do mundo em 'Reino de Deus'.

2. A Missão de Jesus

As missionárias e os missionários cristãos de todos os tempos, precisam de se inspirar na maneira como Jesus realizou a Sua missão. Sem pretender ser exaustivo, noto somente alguns traços que me parecem importantes sobretudo para nós hoje. O que podemos nós aprender da missão de Jesus?

a) Partilhar a vida é mais importante do que ensinar

Alguém dizia que o Evangelho

mais importante é aquele que nenhum evangelista escreveu: os 30 anos da vida quotidiana que Jesus partilhou com a Sua família, a gente da Sua terra e o Seu povo. Na Sua pessoa concreta, Deus estava presente, aprendendo antes de ensinar, sendo 'um de nós' antes de Se tornar um líder para nós. A Irmã das Missionárias da Caridade que encontrei nas montanhas do sul da Etiópia seguia bem de perto esse traço da missão de Jesus: 50 anos partilhando a vida da gente, cuidando dos mais frágeis e excluídos na sociedade, em nome de Jesus e da Sua missão.

b) Ensinar a ver a presença do Reino de Deus e a viver na alegria

Ele sentia-se enviado a "anunciar a boa Nova do Reino de Deus" (Lc 4, 43). Deus estava agora presente de maneira nova — e Jesus era o melhor dessa presença — transformando a vida das pessoas e abrindo-lhes os olhos da fé para verem o que Deus estava a realizar e se tornarem Seus colaboradores. Esta nova presença de Deus fazia brotar a alegria (Jo 15, 11) no coração daqueles que a viam e alinhavam a própria vida com ela:

- Como Maria, que ao levar Jesus, exclamou em casa de Isabel: "O meu coração exulta de alegria em Deus meu salvador" (Lc 1, 47)
- Como o próprio Jesus que, ao iniciar a Sua missão diz: "Esta é a minha alegria! E agora é completa" (Jo 3, 29; cf. Jo 15, 11).

É essa mesma alegria de ver 'Deus em acção' que Jesus promete aos Seus discípulos: "Vós haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria" (Jo 16, 20). Quando nos encontrarmos de novo ... "O vosso coração há-de alegrar-se e ninguém poderá tirar a vossa alegria!" (Jo 16, 22).

c) Missão para dentro (ad intra) ou para fora (ad extra)?

Jesus também se terá perguntado muitas vezes se deveria limitar a Sua missão à Sua terra e ao Seu povo, ou se deveria dar prioridade aos de longe, aos que viviam mais afastados da prática da sua religião, os que não conheciam as promessas de Deus ao Seu povo.

No tempo em que começou a treinar os Seus discípulos, para Ele era claro: "Ide primeiro às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 10,7).

E para Ele mesmo, nem sempre foi fácil decidir se era o momento de abrir a missão aos pagãos. Vemos a Sua busca interior bem patente no episódio da senhora cananeia, para os lados de Tiro e de Sídon (Mt 15, 24 ss). Depois de uma primeira resposta ("Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel"), o apelo do coração aflito daquela mãe foi mais forte e Jesus acaba por reconhecer nela "uma grande fé", e concede-lhe a cura de que a sua filha tanto precisava.

E quando tentavam retê-l'O onde tinha sido bem aceite e as coisas estavam a 'correr bem', Ele sempre preferia colocar-Se 'em sa-ída': "Tenho que ir também a outras cidades anunciar a Boa Nova do reino de Deus, porque para isso fui enviado" (Lc 4, 44).

Mesmo se Jesús tinha consciência de que a Sua missão tinha de começar pelo Seu próprio povo, e só mais tarde se iria alargar ao mundo inteiro, Ele nunca reservou os bens de Deus só para a Sua gente e foi já dando claros sinais de que a missão ia em breve dirigir-se 'aos de fora', aos povos. Como Ele mesmo indicará claramente: "Recebereis força quando o Espírito Santo descer sobre vós, e sereis Minhas testemunhas, em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os confins da terra!" (Act 1, 8).

d) Missão é dar a vida e partir

Jesus não é um chefe que constitui o Seu grupo de apoiantes incondicionais e aí fica a gozar a Sua popularidade nos próximos 50 anos... Ele sabe que o melhor dom que pode dar aos Seus é o dom da Sua própria vida: "Para vós, é melhor que Eu parta, pois, se não for, o Paráclito não virá a vós" (Jo 16, 7). O verdadeiro enviado de Deus não se agarra aos frutos do seu trabalho. Oferece a vida partindo ("par-

MÍSSÃO e Expiritualidade

tir é sempre morrer um pouco"), para que o Espírito do Senhor possa fazer germinar e crescer o que foi semeado. ²

A 'partida' de Jesus, na Sua morte, vai levá-l'O à ressurreição, e à possibilidade de ficar para sempre activo, através do Seu Espírito Santo, a fecundar a acção de quantos aceitam o convite a continuar a colaborar na Sua missão no mundo: "Ide ... e Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos" (Mt 28, 20).

3. As primeiras comunidades em missão

O Papa Francisco tem repetido, em várias ocasiões, que precisamos pegar de novo no livro dos Actos dos Apóstolos para conhecermos a experiência das primeiras comunidades cristãs e compreender o que significa uma 'Igreja em saída' ou a 'conversão missionária da igreja' (cf. EG 15).

Aqui, tomo só alguns elementos que nos podem ajudar a compreender a relação entre a 'Missão ad intra' e a 'Missão ad extra'.

Não há dúvida de que Jesus Cristo pensava que, depois da Sua 'partida', os Seus discípulos se haviam de organizar de maneira concreta e institucional para continuar a missão que Ele claramente lhes transmitia e lhes confiava. O tipo de instituição e a maneira como iam organizar a missão, era algo que havia de se desenvolver com o tempo. Mas as palavras de Jesus a Pedro são bem claras: "Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16, 18).

Também é claro que, na Igreja que se foi instituindo e organizando, a missão de anunciar o evangelho foi, desde o início, realizada em dois vectores bem distintos e complementares. Podemos dizer que essas duas 'direcções' da missão ficaram representadas na nossa imaginação como a missão de Pedro e a missão de Paulo.³

Pedro aparece-nos como um pastor atento a defender a integridade do seu rebanho conservan-

do-o fiel à tradição recebida, um zeloso pastor que se sente enviado 'ad intra'. Mesmo se a tradição da Igreja nascente ainda não tinha muita história, Pedro não tinha dúvidas de que Jesus e Seus pais, Maria e losé, bem como todos os apóstolos e demais discípulos tinham encontrado na tradição religiosa do povo hebreu a 'casa espiritual' a que pertenciam; as Sagradas Escrituras dos hebreus eram as que o próprio Jesus tinha aprendido, e foram essas mesmas Escrituras que Ele mesmo convidou os Seus discípulos a perscrutar para compreenderem como o desígnio de Deus se tinha realizado na Sua paixão, morte e ressurreição. Veja-se o diálogo do 'terceiro caminhante' com os dois discípulos a caminho de Emaús, 'naquele mesmo dia' (Lc 24, 13.25ss).

Os estudiosos dizem-nos que, as comunidades de discípulos de Jesus na Palestina continuaram durante muitos anos a seguir as práticas religiosas dos judeus, e não viam contradição alguma entre a sua identidade religiosa judaica e o facto de seguirem 'O caminho' de Jesus. De facto, Lucas fala-nos dos discípulos que normalmente eram "assíduos ao ensinamento dos apóstolos, ... à fracção do pão (Eucaristia)" e eram também "assíduos no Templo" (Act 2, 42.46).

A dificuldade que Pedro teve em aceitar na Igreja nascente os 'gentios', pessoas que provinham de tra-

dições religiosas que não a hebraica, ficou bem patente no episódio da 'visão do lençol que descia do céu cheio de animais impuros', e no facto que, ao chegar a casa do centurião Cornélio pouco depois, o Espírito Santo o ter forçado a aceitar na Igreja essa família pagã, descendo sobre eles ainda antes da água do baptismo (Act 10). Pedro vai ter de enfrentar fortes críticas da parte da sua comunidade por se ter 'tornado impuro' entrando em casa de gentios... (Act 11, 2-3). E sabemos bem que essas mesmas resistências a deixar entrar os pagãos na Igreja vão ser vigorosamente discutidas na comunidade de Antioquia entre Pedro e Paulo, e depois na Assembleia Apostólica de Jerusalém (Act 15).

Com a sua declaração final, na Assembleia de Jerusalém, Pedro, de facto abre as portas à nova compreensão da Igreja que Paulo tinha desenvolvido a partir da sua experiência missionária, como agora veremos.

Paulo, o apóstolo dos gentios, encarna no nosso imaginário, o missionário ad gentes, escolhido e enviado para anunciar o evangelho aos povos. Deste apóstolo, notamos aqui o facto que ele não 'nasce e cresce' como discípulo de Cristo e apóstolo na Igreja central de Jerusalém, mas sim na de Damasco e mais tarde na de Antioquia. Não é chamado e enviado por Pedro ou algum dos que já eram apóstolos. É



Na Assembleia Apostólica de Jerusalém, Pedro abre as portas da Igreja aos pagãos.





Paulo, o apóstolo dos gentios, encarna no nosso imaginário, o missionário ad gentes.

chamado directamente por Cristo ressuscitado que o intercepta no caminho para Damasco. ⁵

Paulo é chamado directamente por Cristo ressuscitado e mais tarde é enviado 'ad gentes' pela comunidade de Antioquia, seguindo 'ordens directas' do Espírito Santo: "Celebrando eles o culto em honra do Senhor, ... disse-lhes o Espírito Santo: 'Separai para Mim Barnabé e Saulo, para a obra à qual os destinei... Enviados pois pelo Espírito Santo, eles desceram até Selêucia, de onde navegaram para Chipre" (Act 13, 2.4). Estes factos indicam claramente que, no Novo Testamento, a missão 'ad extra' de Paulo tem o mesmo estatuto apostólico e a mesma importância na vida da Igreja, como a missão 'ad intra' de Pedro.

Lucas sublinha continuamente que o percurso missionário de Pau-

lo é claramente guiado pelo Espírito Santo, pelo Espírito de Jesus (cf. *Act* 16, 6-10).

Já no estrangeiro, Paulo e os companheiros começam por anunciar lesus Cristo nos ambientes da diáspora judaica e entre os 'tementes a Deus' (gentios que pediam para seguir a religião hebraica e para quem as autoridades religiosas, já no tempo de Jesus, tinham elaborado uma 'versão adaptada da Lei', para podem viver a fé de Moisés, sem terem de observar todos os preceitos da sua Lei). Mas quando enfrentam oposição muito agressiva de alguns grupos de Judeus, o grupo missionário de Paulo volta-se decididamente para a pregação entre os gentios (*Act* 13, 44-46).

Mesmo tendo a mesma autoridade apostólica de Pedro e dos outros apóstolos, Paulo não traba-

lha em oposição ou concorrência com ninguém.⁶ Ele bem sabe que na Igreja há muitos serviços, muitos carismas, mas é o mesmo Espírito que opera tudo em todos (*I Cor* 12, 4-6). Paulo, o missionário ad gentes, regressa a Antioquia e reúne a comunidade de onde tinha partido para apresentar aquilo que o Senhor tinha operado por seu intermédio, sobretudo como os gentios tinham aderido à fé e como eles tinham organizado a vida das novas comunidades que iam fundando (*Act* 14, 27-28).

O regresso dos missionários vem sacudir a comunidade que os tinha enviado. A missão aos gentios e a sua entrada na Igreja estava a transformar profundamente a maneira de compreender e de viver a vida cristã, e mesmo a maneira de as comunidades se organizarem com os vários ministérios de que precisavam para viver.

As normas comuns a observar estavam a mudar: os preceitos da lei de Moisés, por exemplo sobre a pureza ritual para poder participar nas celebrações da assembleia dos fiéis, o que era lícito comer ou não, tudo isso já estava a mudar; os ritmos de oração e as festas religiosas que era preciso continuar a celebrar ou que era melhor deixar; os rituais, por exemplo a circuncisão; questiona-se o que é mesmo necessário para a salvação e o que é dispensável para alguns e não para outros. Em Jerusalém, será finalmente o próprio Pedro quem, em nome de todos, declara o que é essencial para todos – "eles (os gentios) e nós (os hebreus), salvos pela graça de Cristo" (Act 15, 11), e o que é opcional para os vários grupos que constituem a única Igreja; por 'opcional' entendo coisas como a música e os cantos que se usavam nas celebrações, a posição do corpo adoptada durante as orações e nas celebrações, a maneira de celebrar a Eucaristia, o próprio serviço de coordenação das comunidades.

É compreensível que em territórios diferentes, as comunidades podiam desenvolver-se cada uma à sua maneira, mas as coisas eram

MISSÃO e Expiritualidade

diferentes onde as comunidades eram mistas, hebreus e gentios juntos, como em Antioquia, onde Paulo chegou a repreender Pedro asperamente em público porque antes tinha começado a comer (a Eucaristia?) com os gentios, mas depois por medo das críticas, começou a 'comer' só com os fiéis de origem judaica (*Gal* 2, 11-14).

A discussão sobre a entrada dos gentios na Igreja torna-se tão aguda que leva à convocação da assembleia de Jerusalém, onde a Igreja começa a distinguir o que é essencial na fé e na vida cristã, e o que é secundário e podia ser deixado; deste modo, a Igreja aprofunda a compreensão daquilo que é específico da salvação em Cristo, e do significado da sua verdadeira universalidade. Começa a ser claramente afirmada a igualdade entre os cristãos vindos do judaísmo e os cristãos vindos dos ambientes gregos, ou de qualquer outro povo e tradição, como escutamos das palavras solenes de Pedro: "...é pela graça do Senhor Jesus que nós cremos ser salvos, da mesma forma que eles. Então, toda a assembleia silenciou. E passaram a ouvir Barnabé e Paulo narrando quantos sinais e prodígios Deus operara entre os gentios por meio deles" (Act 15, 11-12).

A missão ad extra, aos gentios, de Barnabé e Paulo, partilhada com a Igreja que os tinha enviado, acaba por levar a Igreja toda a compreender melhor a salvação em Cristo, a especificidade da vida cristã, e a avançar para novas etapas do seu caminho na história.

Se a Igreja tivesse ficado só na Palestina, provavelmente teria desaparecido no contexto das guerras entre os judeus e os romanos, entre o fim do primeiro século e o século II. Mas por essa altura, graças à Missão *ad extra*, já a Igreja estava bem viva em muitos outros países à volta do Mediterrâneo.

4. Missão ad intra e ad extra, na nossa Igreja de hoje

Numa sua catequese recente (8 de Março de 2023), o Papa Francisco

recorda que o primeiro Concílio na história da Igreja, em Jerusalém, foi precisamente para tratar de como anunciar o Evangelho aos gentios, os que não eram Judeus como Jesus, Maria Sua mãe e os Seus apóstolos. E o último Concílio, Vaticano II, vem justamente lembrar que a Igreja é missionária por sua própria natureza. Esta é uma insistência constante no ministério de Francisco: "Todos os baptizados, qualquer que seja a sua posição na Igreja, ou o seu nível de instrução na fé, são agentes de evangelização." ⁷

Todo o baptizado é incorporado na vida e na missão da Igreja. Com frequência a responsabilidade de participar na missão da Igreja é enfatizada particularmente na celebração do Crisma: "que serviço assumo, na missão da Igreja?"

Assim, já não há 'Igrejas evangelizadoras' e 'Igrejas que recebem' evangelização. Nas palavras da *Lu*men Gentium (n° 13), citada na introdução do *Instrumentum Laboris* para a Assembleia sinodal de Outubro 2023,

"A visão do Vaticano II é o ponto de referência partilhado, a partir da catolicidade do Povo de Deus, em virtude da qual «cada uma das partes traz às outras e a toda a Igreja os seus dons particulares, de maneira que o todo e cada uma das partes cresçam pela comunicação mútua entre todos e pela aspiração comum à plenitude na unidade, [...] sem detrimento do primado da cátedra de Pedro, que preside à universal assembleia da caridade, protege as legítimas diversidades e vigia para que as particularidades ajudem a unidade e de forma alguma a prejudiquem" (LG 13) (IL 12).

— 66 99 —

Toda a renovação na Igreja há-de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial. (Ecclesia in Oceania)

—— 66 99 ———

mos brevemente alguns acentos dos Papas a este propósito: **Paulo VI** insiste na ligação entre

Depois do Vaticano II, lembre-

Paulo VI insiste na ligação entre a alegria de ser cristão e o anúncio do evangelho. Precisamos de experimentar de novo "a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando for preciso semear com lágrimas... (...) E que o mundo do nosso tempo, que procura, ora na angústia ora com esperança, possa receber a Boa Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e descoroçoados, impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem primeiro recebeu em si a alegria de Cristo." 8

João Paulo II insiste que o anúncio àqueles que não conhecem a Cristo é "a tarefa primária da Igreja" ⁹, e repete, que a actividade missionária permanece hoje "o máximo desafio para a Igreja" (RM 40); e "a primeira de todas as causas" na Igreja (RM 16).

Na Exortação Apostólica pós-sinodal, dirigida aos bispos e à *Igreja* na Oceânea, João Paulo II não hesita em afirmar que «toda a renovação na Igreja há-de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial». ¹⁰

Bento XVI fala do dever dos cristãos de anunciar o Evangelho não como quem impõe mais uma obrigação, mas como quem partilha uma alegria nova, pois a Igreja não cresce por proselitismo, mas por atracção. 11

Francisco diz-nos que se queremos levar a sério este caminho que a Igreja tem vido a fazer nos últimos anos, é preciso que reconheçamos que "a acção missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja" (EG 15) e, para isso, ele repete com os bispos da América Latina que é preciso passar "de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária." ¹²

5. O Paradigma da Missão Ad gentes

A importância que o tema da Missão está a ter nas nossas Igrejas





Na passagem de uma cultura para a outra, o Evangelho encontra novas maneiras de se exprimir e de ser vivido, celebrado e anunciado.

na Europa é bem evidenciado pelo impacto que está a ter, por exemplo, o Congresso Missão da Igreja Católica na França, que está a ter lugar neste mesmo fim de Setembro (29 de Setembro a I de Outubro de 2023). Em 2021, reuniu cerca de 17 mil pessoas, este ano realiza--se em nove cidades, fora de Paris, e conta com a presença de cerca de 20 mil pessoas. Nas palavras de um dos seus principais animadores, Samuel Pruvot, "Nous visons une révolution culturelle dans l'Eglise où la mission devient une des priorités, voire la priorité. L'événement que nous organisons est au service de ce déclic." 13 (O nosso objectivo é uma revolução cultural na Igreja em que a missão se torne uma das prioridades, se não a prioridade. O evento que estamos a organizar foi concebido para ajudar a concretizar esta mudança.)

Para vermos como a Missão aos povos (ad gentes) possa ser o paradigma a seguir em toda a obra da Igreja, enuncio algumas características, sem a pretensão de ser sistemático ou exaustivo:

Transcultural. Alguém disse que

'o Evangelho que escutas só será completo quando o ouvires da boca de um estrangeiro'. 14 Uma comunidade fechada na sua própria cultura deixa de crescer e transforma o Evangelho em ideologia que tende a justificar o próprio modo de viver. E nas coisas da Igreja, "quando a ideologia entra, o Espírito Santo sai" (Papa Francisco). A passagem do Evangelho de uma cultura para a outra purifica-o de eventuais 'crostas' que se foram acumulando e que precisam de ser questionadas. Não aconteça que estamos a transmitir as nossas próprias tradições culturais mais do que o Evangelho de Cristo na sua pureza. Na passagem de uma cultura para a outra, o Evangelho também encontra novas maneiras de se exprimir e de ser vivido, celebrado e anunciado.

Transmitir o essencial. A fé é uma; as maneiras de a dizer, de a viver de a celebrar e de a transmitir são infinitas: irão crescendo de muitas maneiras diferentes... É claro que o missionário/a só pode oferecer o evangelho como ele próprio o recebeu na sua comunidade de origem, mas precisa de deixar a quem

o recebe o espaço de liberdade para ir separando, no tempo, aquilo que é essencial daquilo que é o elemento cultural do missionário que o trouxe, e, eventualmente ir elaborando novas expressões culturais do evangelho recebido (cf. AG 22).

Evangelizar partindo das periferias. O Evangelho há-de ser oferecido a todos, a começar por aqueles ambientes humanos aos quais o próprio Jesus dava preferência: "O Espírito do Senhor está sobre Mim, ... Ele Me enviou a anunciar o Evangelho aos pobres..." (Lc 4, 18). Começando pelas periferias poderemos em breve chegar, de maneira autêntica a todos. Vem a propósito, a advertência de S. João Crisóstomo: "Quando não se reconhece nem se honra o Cristo presente no pobre e no excluído, o culto que se presta a Cristo no altar acaba por ser uma mentira." 15

Estabelecer 'sinais do Reino' e não 'o Reino de Deus a dominar a Terra'. 'Pequeno rebanho', 'barca frágil de Pedro, que pesca no mar do mundo', 'fermento que vai levedando a massa da sociedade',

MÍSSÃO e Expiritualidade

humildes testemunhas do mundo novo que o Espírito de Cristo vai construindo. A seu tempo, a presença de comunidades cristãs terá também um efeito transformador na sociedade, mas o objectivo não é dominar a sociedade. O que Cristo pede é que sejamos 'fermento que eventualmente vai levedar toda a massa', que sejamos 'sal e luz', 'semente que germina' na pequenez e na humildade para poder eventualmente crescer e dar muito fruto.

Comunidades viáveis. Quando as novas comunidades fundadas ficam dependentes da 'Igreja-mãe' por muito tempo, acabam por ficar raquíticas, sem capacidade de crescer na sua fisionomia própria. A história mostra que, a partida dos missionários (por vezes de forma tragicamente forçada ou mesmo violenta) com frequência torna-se a ocasião para a Igreja local desenvolver os seus próprios recursos e, eventualmente ser capaz de enriquecer mesmo a 'lgreja-mãe' com as riquezas que conseguiu desenvolver por sua conta (e.g.Vietname). O objectivo da missão ad gentes é estabelecer comunidades capazes de vida autónoma em comunhão (não em dependência) com as outras comunidades, 16 Igrejas locais suficientemente estáveis para poderem manter presente e activo o testemunho e o anúncio do Evangelho de Cristo, no contexto humano em que vivem.

6. Missão Ad Intra, segundo o 'paradigma missionário'

- a) Dizer, anunciar o Evangelho na cultura das pessoas a quem nos dirigimos.
- b) Oferecer o Evangelho na sua essencialidade, e permitir que o Espírito de Deus vá cultivando o resto (distinguir o que é essencial do que é secundário, mesmo se importante), segundo a antiga norma atribuída a Santo Agostinho: "No essencial, unidade; no não-essencial, liberdade; em tudo, caridade."
- c) Cuidar primeiro das periferias testemunho concreto da força transformadora do Evangelho. É urgente



Padre António La Braca, missionário há 40 anos no Sudão do Sul.

passar de uma 'pastoral de conservação' – ir aguentando o que temos, enquanto pudermos – a uma pastoral missionária que dá prioridade ao anúncio do Evangelho a quem não o recebeu. Podemos dizer que uma parte significativa da população do nosso país tem alguma informação sobre o cristianismo, mas nunca recebeu o Evangelho de maneira iniciática, de maneira a sentir-se chamado a configurar a própria vida colocando Cristo ao centro. Por vezes, notamos com pena que os nossos melhores evangelizadores ocupam o melhor das suas forças em 'trabalhos de conservação' e não de evangelização. 17

d) Comunidades abertas, formadas por pessoas em caminho. Viver caminhando é parte essencial do ser cristão. Na Ígreja peregrina, mesmo caminhando em comunhão uns com os outros, é preciso respeitar o ritmo e os tempos do caminho de cada um. Num grupo de peregrinos, a comunhão será sempre no respeito pela pluralidade constituída pela maneira de caminhar de cada um. Um grupo onde todos caminham ao mesmo ritmo, no mesmo lugar, 'vestidos e calçados' da mesma maneira... é mais um exército do que uma comunidade de irmãos em caminho. A Igreja peregrina tem maior capacidade de acolher quem ainda tem muito caminho a fazer...

- e) Igrejas locais em comunhão sinodal e missionária. As três linhas mestras da vida da Igreja, hoje, como indicadas pelo Papa Francisco, no início do presente processo sinodal, 'Comunhão, missão, participação', 18 são característica necessária de todas e cada uma das igrejas.
- Com capacidade de enviar alguns dos seus membros em missão, longe ou perto, para a vida inteira, ou só para períodos de partilha, serviço, anúncio...
- Capacidade de acolher 'missionários que regressam', como Barnabé e Paulo em Antioquia, e sobretudo capacidade de deixar que a partilha de quem regressa da missão nos questione, nos purifique e nos estimula a avançar para novas fazes de crescimento.
- Capacidade de se deixar enriquecer pelo 'Evangelho que vem de longe': circular informação, partilhar experiências, aproveitar a presença de missionários de regresso ou de passagem, o uso regular de revistas de informação missionária.
- Capacidade de 'escutar o Evangelho da boca do estrangeiro' que vive entre nós e pouco a pouco vai



ser uma parte sempre mais significativa das nossas comunidades locais.

Conclusão

- Somos colaboradores na Missão universal que é de Deus e que Ele está a realizar na história.
- Participamos na Missão, sem angústia nem ansiedade. Cristo ressuscitado não só nos acompanha, confirmando as nossas palavras de anúncio e o nosso testemunho de vida, como nos precede, de acordo com a nossa experiência missionária.
- Ele já está presente e activo nas pessoas e nos ambientes a quem somos enviados. Em formas que Ele conhece e que nós vamos descobrindo, Deus já oferece a todos os Seus filhos e filhas da humanidade a possibilidade real de chegar a participar na Sua vida.
- A nós, cristãos, compete participar, colaborando, na Missão que o próprio Deus está a realizar no mundo. A Missão é Sua. Em Cristo, Deus não deu uma missão à Igreja, Deus deu a Igreja à Missão, como comunidade que colabora na realização do Seu Plano para toda a humanidade.
- A colaboração da Igreja na Missão de Deus é uma colaboração sinodal. Cada grupo, cada comunidade de discípulos, cada igreja local participa à sua maneira e segundo as suas possibilidades na missão universal.
- Os missionários e missionárias enviados ad gentes, como Barnabé e Paulo, a fundar comunidades onde o Evangelho ainda não é conhecido, contam com o apoio das comunidades que os enviaram. Ao regressarem, de passagem ou definitivamente, os missionários são um recurso precioso para a renovação das comunidades que os enviaram. A sua presença e a sua experiência vêm renovar a missão ad intra. Eles/ as ajudam as comunidades a renovarem-se seguindo o 'paradigma missionário' que dá prioridade ao anúncio do Evangelho a quem vive nas periferias da sociedade. 🔶

P. Fernando Domingues Missionário Comboniano ¹ Bevans, Stephen B., SVD, "Theological Evolution in Mission. A Theology of Mission", In SEDOS. New Trends in Mission. The Emerging Future. Essays from SEDOS Mission Symposium, October 11-15, 2021, Rome, Italy, Ed. Peter Baekelmans, and Marie-Hélène Robert, Orbis, Maryknoll, New

York 2022, pp.42.

² Elisabeth A. Johnson, nota como 'partir', 'retirar-se' é a maneira de Deus dar força aos Seus colaboradores na história: "O poder de Deus mostra-se com toda a clareza, na Sua capacidade de Se 'retirar', e empoderar as Suas criaturas convidando, encorajando, empurrando, puxando, atraindo com a força do Seu Espírito e da Sua Palavra, na criação. Deus age com a omnipotência do amor." (In, Stephen Bevans, "Theological Evolution in Mission. A Theology of Mission", p. 42).

³ Paulo conta assim a conclusão da Assembleia de Jerusalém na sua *Carta aos Gálatas*: "...vendo que a mim foi confiado o Evangelho dos incircuncisos como a Pedro os dos circuncisos – pois aquele que operava em Pedro para a missão dos circuncisos operou também em mim em favor dos gentios – e conhecendo a graça a mim concedida, Tiago, Cefas e João, ... estenderam-nos a mão, a mim e a Barnabé, em sinal de comunhão: nós pregaríamos aos gentios e eles aos da Circuncisão" (*Gal* 2, 7-9).

aos da Circuncisão" (Gal 2, 7-9).

⁴ Cf. Baslez, Marie-Françoise, Les premiers bâtisseurs de l'église, Fayard, Paris, 2016, 'Introduction, 8ss.

⁵ Paulo conta assim o início da sua missão: "Quando, porém, Aquele que me separou desde o seio materno e me chamou por Sua graça, houve por bem revelar em mim o Seu Filho, para que eu O anunciasse entre os gentios, não consultei carne nem sangue, nem subi a Jerusalém aos que eram apóstolos antes de mim, mas fui à Arábia, e voltei novamente a Damasco. Em seguida, após três anos, subi a Jerusalém para avistar-me com Cefas e fiquei com ele quinze dias. Não vi nenhum apóstolo, mas somente Tiago, o irmão do Senhor" (*Gal* 1, 15-19).

⁶ Mais tarde, Paulo terá o cuidado de partilhar o Evangelho que prega, com os apóstolos em Jerusalém:"... catorze anos mais tarde, subi de novo a Jerusalém com Barnabé, tendo tomado comigo também Tito. Subi em virtude de uma revelação e expus-lhes – em forma reservada aos notáveis – o Evangelho que proclamo entre os gentios, a fim de não correr, nem ter corrido em vão" (*Gal* 2, I-2).

⁷ Papa Francisco, Èvangelii gaudium, 120.

⁸ Paulo VI, Evangelii nuntiandi, 80.

⁹ João Paulo II, Redemptoris missio, 34.

NOTAS

¹⁰ Ecclesia in Oceania, 19.

¹¹ Bento XVI, Homilia na Assembleia de Aparecida, Brasil, a 13 de Maio de 2007.

¹² Francisco, citando o n° 548 do Documento de Aparecida, in EG 15.

¹³ Samuel Pruvot, «Le Congrès Mission infuse son esprit en se délocalisant», entrevista de Henrik Lindell, em *La Vie* – digital (08/9/2023); accesso: 08/9/2023.

¹⁴ A este propósito, permanece um desafio de grande actualidade a ideia de Jean Daniélou sobre a compreensão da fé cristã que vai sendo enriquecida à medida que esta entra em cada nova cultura e aí encontra novas maneiras de se exprimir, como a luz que mostra toda sua riqueza só quando um prisma de vidro a refracta em todas as suas cores. (Jean Daniélou, Le Mystère du salut des nations, Ed. du Seuil, 1946, p. 55).

¹⁵ Homilias sobre o Evangelho de Mateus, 50.

15 Homilias sobre o Evangelho de Mateus, 50, 3-4 (in Lit. Horas, Leit., Sábado sem. XXI. 16 Já a partir dos anos '70 do século passado, o Instituto Lumko, África do Sul, falava de novas comunidades cristãs que devem tornar-se "self-suporting, self-ministering and self-propagating". O percurso de iniciação cristã proposto pelo Instituto Lumko é um bom exemplo de como trabalhar na construção deste tipo de comunidades: Lumko Institute, Safari Yetu Pamoja, ed. Oswald Hirmer, St. Paul's Publications – Africa, Nairobi 1990 (Versão Inglesa: Our Journey Together, St. Paul's Publ., Kampala 1988).

¹⁷O Bispo António Couto chamava a atenção para esta situação: "Não podemos, de modo algum, continuar com a actual «metodologia de manutenção, apenas acolhendo aqueles que vêm à igreja» pois desta forma, «não fazemos sentir a todos o calor da nossa vivência de Cristo e do Evangelho». Uma paróquia missionária, hoje, «tem de passar por ir, necessariamente, ao encontro das pessoas. Os jovens que andam na Universidade devem preocupar-se em levar Cristo a outros jovens que andam na Universidade». Mas não apenas os jovens; «nenhum de nós pode ficar de braços cruzados, tranquilamente, dentro da igreja ou da sacristia». É um imperativo «levar lesus Cristo a toda a gente». E nota que em certos ambientes da Europa, "já nem sequer se fala de "nova evangelização", mas de missão "ad gentes" dentro do país. É necessário não um novo anúncio, mas «o primeiro anúncio. Se for só um padre na sua paróquia a anunciar o evangelho, aonde é que chega o Evangelho?" (Entrevista à Ecclesia, "Por uma Igreja missionária", 8 de Outubro de 2008).

¹⁸ FRANCISCO, Momento de reflexão para o início do percurso sinodal, 9 de Outubro de 2021.

MISSÃO e lgreja

O protagonista do anúncio: o Espírito Santo

Na série de catequeses do Papa Francisco sobre a paixão pela evangelização, a quinta é sobre o Espírito Santo, "porque só através dele se pode acolher a missão de Cristo e realizá-la". "O anúncio do Evangelho só se realiza na força do Espírito, que precede os missionários e prepara os corações: Ele é "o motor da evangelização".

Estimados irmãos e irmãs, bom dia e bem-vindos!

o nosso itinerário de cateque-ses sobre a paixão pela evangelização, hoje recomeçamos pelas palavras de Jesus que ouvimos: «Ide, pois, e fazei discípulos de todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» (Mt 28, 19). Ide – diz o Ressuscitado – não a doutrinar, nem a fazer prosélitos, não, mas a fazer discípulos, ou seja, a oferecer a cada um a possibilidade de entrar em contacto com Jesus, de conhecê-l'O e amá-l'O livremente. Ide e baptizai: baptizar significa imergir e, portanto, antes de indicar uma acção litúrgica, exprime uma acção vital: imergir a própria vida no Pai, no Filho, no Espírito Santo; experimentar cada dia a alegria da presença de Deus que está próximo de nós como Pai, como Irmão, como Espírito que age em nós, no nosso próprio espírito. Baptizar significa imergir-se na Trindade.

Quando Jesus diz aos Seus discípulos – e também a nós – "lde!", não comunica apenas uma palavra. Não! Comunica, ao mesmo tempo, o Espírito Santo, pois é só graças a Ele, ao Espírito Santo, que podemos receber a missão de Cristo e cumpri-la (cf. /o 20, 21-22). Os Apóstolos, de facto, permanecem fechados no Cenáculo, com medo, enquanto não chega o dia de Pentecostes e desce sobre eles o Espírito Santo (cf. Act 2, I-13). E, naquele momento, desaparece o temor e com a Sua força aqueles pescadores, na sua maioria iletrados, mudarão o mundo. "Mas se não sabem falar...". Mas é a palavra do Espírito, a força do Espírito que os leva em frente para mudar o mundo. Por isso, o anúncio do Evangelho só se realiza na força do Espírito, que precede os missionários e prepara os corações: Ele é "o motor da evangelização".

Descobrimo-lo nos Actos dos Apóstolos, onde em cada página vemos que o protagonista do anúncio não é Pedro, Paulo, Estêvão ou Filipe, mas o Espírito Santo. Ainda nos Actos, narra-se um momento nevrálgico dos primórdios da Igreja, que também nos pode dizer muito. Nessa época, como hoje, com as consolações não faltavam tribulações – momentos bons e momentos menos bons – as alegrias eram acompanhadas por preocupações. Uma em particular: como comportar-se com os pagãos que chegavam à fé, com quantos não pertenciam ao povo hebreu, por exemplo. Eram ou não obrigados a observar as prescrições da Lei mosaica? Não se tratava de uma questão de pouca importância para eles. Assim, formam-se dois grupos: os que consideravam a observância da Lei indispensável e os que não. Para discernir, os Apóstolos reúnem-se no que vem a ser chamado o "Concílio de Jerusalém", o primeiro da história. Como resolver o dilema? Poderiam ter procurado um bom compromisso entre tradição e inovação: observem-se algumas normas, e deixem-se outras. Contudo, os Apóstolos não seguem esta sabedoria humana para

Ide – diz o Ressuscitado – não a doutrinar, nem a fazer prosélitos, não, mas a fazer discípulos, ou seja, a oferecer a cada um a possibilidade de entrar em contacto com Jesus, de conhecê-l'O e amá-l'O livremente.

procurar um equilíbrio diplomático entre uma e outra, não vão por aí, mas adaptam-se à obra do Espírito, que os tinha antecipado, descendo também sobre os pagãos como sobre eles.

Portanto, eliminando quase todas as obrigações ligadas à Lei, comunicam as decisões finais, tomadas e escrevem assim: «Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós» (cf. Act 15, 28), o Espírito Santo connosco, assim agem sempre os Apóstolos. Juntos, sem dividir-se, não obstante as diferentes sensibilidades e opiniões, põem-se à escuta do Espírito. E Ele ensina algo, válido ainda hoje: cada tradição religiosa é útil, se facilitar o encontro com lesus, cada tradição religiosa é útil se agilizar o encontro com Jesus. Poderíamos dizer que a decisão histórica do primeiro Concílio, de que também beneficiamos, foi movida por um princípio, o princípio do anúncio: tudo na Igreja deve conformar-se com as exigências do anúncio do Evangelho; não com as opiniões dos conservadores ou dos progressistas, mas com o facto de que Jesus alcance a vida das pessoas. Por conseguinte, cada escolha, cada uso, cada estrutura e cada tradição devem ser avaliadas na medida em que favorecerem o anúncio de Cristo. Quando há decisões na Igreja, por exemplo, divisões ideológicas: "Sou conservador porque... sou progressista porque...". Mas onde está o Espírito Santo? Estai atentos, porque o Evangelho não é uma ideia, o Evangelho não é uma ideologia: o Evangelho é um anúncio que toca o coração e o faz mudar, mas se tu te refugiares numa ideia, numa ideologia quer de direita quer de esquerda quer de centro, estás a fazer do Evangelho um partido político, uma ideologia,





No dia de Pentecostes, o Espírito leva um grupo de pescadores a mudar o mundo.

um clube de pessoas. O Evangelho oferece-te sempre esta liberdade do Espírito que age em ti e te leva em frente. E como é necessário, hoje, agarrar-nos à liberdade do Evangelho e deixarmo-nos levar pelo Espírito!

Assim, o Espírito ilumina o caminho da Igreja, sempre. Com efeito, Ele não é apenas a luz do coração, é a luz que orienta a Igreja: ilumina, ajuda a distinguir, ajuda a discernir. Por isso, é necessário invocá-l'O frequentemente; façamo-lo também hoje. Pois, como Igreja, podemos ter tempos e espaços bem definidos, comunidades, institutos e movimentos bem organizados, mas sem o Espírito, tudo permanece sem alma. A organização não é suficiente: **é** o Espírito que dá vida à Igreja. A Igreja, se não Lhe rezar e não O invocar, fecha-se em si mesma, em debates estéreis e extenuantes, em polarizações desgastantes, enquanto a chama da missão se extingue. E muito triste ver a Igreja como se fosse um parlamento; não, a Igreja é outra coisa. A Igreja é a comu— 66 99 -

O Espírito ilumina o caminho da Igreja, sempre. Com efeito, Ele não é apenas a luz do coração, é a luz que orienta a Igreja: ilumina, ajuda a distinguir, ajuda a discernir.

nidade de homens e mulheres que acreditam e anunciam Jesus Cristo, mas movidos pelo Espírito Santo, não pelas próprias razões. Sim, usa-se a razão, mas vem o Espírito que a ilumina e move. O Espírito faz-nos sair, impele-nos a anunciar a fé, impele-nos para nos confirmarmos na fé, a ir em missão para reencontrarmos quem somos. Por isso, o Apóstolo Paulo recomenda: «Não extingais o Espírito!» (1 Ts 5, 19), não extingais o Espírito. Oremos com frequência ao Espírito, invoquemo-l'O, peça-

em nós a Sua luz. Façamo-lo antes de cada encontro, para nos tornarmos apóstolos de Jesus com as pessoas que encontrarmos. Não extingais o Espírito nas comunidades cristãs nem dentro de cada um de nós.

Caros irmãos e irmãs, como Igreja comecemos e recomecemos do Espírito Santo. «Sem dúvida, é importante que nas nossas programações pastorais comecemos a partir das sondagens sociológicas, das análises, da lista de dificuldades, do elenco de expectativas e queixas. No entanto, é muito mais importante começar a partir das experiências do Espírito: eis o verdadeiro início. Portanto, é necessário procurá-las, enumerá-las, estudá-las, interpretá--las. Trata-se de um princípio fundamental que, na vida espiritual, é chamado o primado da consolação sobre a desolação. Primeiro há o Espírito que consola, reanima, ilumina, move; depois, haverá também a desolação, o sofrimento, a escuridão, mas o princípio para orientar-se na escuridão é a luz do Espírito» (C.M. MARTINI, Evangelizzare nella consolazione dello Spirito, 25 de Setembro de 1997). Este é o princípio para orientar-se nas coisas que não se compreendem, nas confusões, inclusive nas muitas escuridões.

Procuremos interrogar-nos se nos abrimos a esta luz, se lhe damos espaço: invoco o Espírito? Cada um responda no seu íntimo. Quantos de nós rezamos ao Espírito? "Não, padre, rezo a Nossa Senhora, rezo aos Santos, rezo a Jesus, mas às vezes, rezo o Pai-Nosso, rezo ao Pai" – "E ao Espírito? Tu não rezas ao Espírito, que é aquele que move o teu coração, que te leva em frente, que te consola, que te dá o desejo de evangelizar e de fazer missão?" Deixo-vos esta pergunta: Rezo ao Espírito Santo? Deixo-me orientar por Ele, que me convida a não me fechar, mas a levar Jesus, a dar testemunho do primado da consolação de Deus sobre a desolação do mundo? Nossa Senhora que compreendeu isto bem nos ajude a entendê-lo. 🔷

MÍSSÃO e lgreja

A alegria do amor

O Papa Francisco ofereceu uma dádiva extraordinária à Igreja: Amoris Laetitia, A Alegria do Amor. Esta exortação apostólica pós-sinodal centra-se na família e no amor. O Papa baseia-se fortemente nos Sínodos dos Bispos sobre a Família de 2014 e 2015; ele enriquece a discussão com suas próprias percepções pastorais.

Explorando os tesouros de Amoris Laetitia. O próprio Papa Francisco fornece uma visão geral do documento. Os vários capítulos examinam (1) as Escrituras, (2) a situação actual das famílias, (3) a doutrina da Igreja sobre o matrimónio e a família, (4) o amor no matrimónio, (5) o amor fecundo, (6) as abordagens pastorais, (7) a educação dos filhos, (8) as exigências de Jesus e (9) a espiritualidade familiar. Cada capítulo é um tesouro de profunda sabedoria e discernimento!

Um tom pastoral misericordioso. A exortação apostólica estabelece uma importante agenda pastoral para toda a Igreja. O Papa não muda nenhum ensinamento da Igreja, mas expressa a sua sabedoria pastoral realçando sempre a misericórdia e a compaixão. Diz ele: "Creio sinceramente que Jesus Cristo quer uma Igreja atenta ao bem que o Espírito derrama no meio da fragilidade: uma Mãe que, ao mesmo tempo que expressa claramente a sua doutrina objectiva, 'não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada'" (308). Em todas as situações, "a Igreja tem a missão de anunciara misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho" (309).

Perspectivas bíblicas. O primeiro capítulo de A Alegria do Amor começa com uma meditação sobre o Salmo 128, uma leitura frequentemente escolhida para as liturgias nupciais judaicas e cristãs: "A tua es-



A família é "o lugar onde os pais se tornam os primeiros mestres da fé para seus filhos."

posa será como videira fecunda na intimidade do teu lar; os teus filhos serão como rebentos de oliveira ao redor da tua mesa... e chegues a ver os filhos dos teus filhos." (8) A família é "o lugar onde os pais se tornam os primeiros mestres da fé para seus filhos" (16). "Cada família tem diante de si o ícone da família de Nazaré" (30).

Jesus e as famílias. "A Bíblia aparece cheia de famílias, gerações, histórias de amor e de crises familiares" (8). De facto, "o próprio Jesus nasce numa família modesta"; [Ele] "entra na casa de Pedro, onde a sua sogra está doente... Encontra-Se com publicanos, como Mateus ou Zaqueu, nas suas próprias casas, e também com pecadoras, como a mulher que invade a casa do fariseu.... Interessa-Se ainda pela situação embaraçosa que se vive numas bodas pela falta de vinho" (21).

Desafios das famílias hoje. O Papa Francisco explora a situação actual das famílias. Centra-se nas "realidades concretas" para melhorar a resposta pastoral da Igreja, porque acredita que "O bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja" (31). As famílias enfrentam muitos desafios; alguns exemplos são: as migrações, a cultura do "descartável", a mentalidade anti-natalidade, a falta de habitação e de emprego, a pornografia, o abuso de menores (cf. 39-56). Francisco pede sempre à Igreja para "dizer uma palavra de verdade e de esperança" (57).

Enfrentar as situações concretas. È salutar a Igreja preste "atenção à realidade concreta, porque 'os pedidos e os apelos do Espírito ressoam também nos acontecimentos da história" (31). As migrações devem ser enfrentadas e compreendidas pelo "seu peso de consequências sobre a vida familiar" (46). Algumas famílias podem ter um membro que necessite de cuidados especiais. Francis observa: "Merecem grande admiração as famílias que aceitam, com amor, a prova difícil dum filho deficiente" (47). A Igreja procura ajudar "famílias caídas na miséria, penalizadas de tantas maneiras" (49).



Abordagens da Pastoral Familiar. Depois de analisar os muitos desafios contemporâneos à vida familiar, o Papa Francisco recomenda um repensar das abordagens da Igreja relativamente ao matrimónio e à vida familiar. Para o Papa, não é suficiente sublinhar as "questões doutrinais, bioéticas e morais"; a Igreja deve encorajar a "abertura à graça" e "apresentar o matrimónio mais como um caminho dinâmico de crescimento e realização.... Somos chamados a formar as consciências, não a pretender substituí-las" (37).

A família: Santuário da vida. Numa secção de palavras fortes, o Papa Francisco apresenta as suas convicções sobre a santidade da vida humana. "Neste contexto, não posso deixar de afirmar que, se a família é o santuário da vida, o lugar onde a vida é gerada e cuidada, constitui uma contradição lancinante fazer dela o lugar onde a vida é negada e destruída. É tão grande o valor duma vida humana e inalienável o direito à vida do bebé inocente que cresce no ventre de sua mãe, que de modo nenhum se pode afirmar como um direito sobre o próprio corpo a possibilidade de tomar decisões sobre esta vida que é fim em si mesma e nunca poderá ser objecto de domínio doutro ser humano. A família protege a vida em todas as fases da mesma, incluindo o seu ocaso." (83).

Conclusão. Esta apresentação apenas põe em evidência algumas ideias significativas de A Alegria de Amar. Utilize-os para a sua meditação, enriquecimento e oração. Considere a leitura do texto original do Papa Francisco; será seguramente maravilhosamente enriquecido/a!

Padre James H. Kroeger, MM

O Padre James H. Kroeger é um missionário Maryknoll norte-americano que trabalhou na Ásia (Filipinas e Bangladesh) durante mais de cinco décadas.

"Meus colaboradores especiais"

Mensagem do Santo Padre por ocasião dos 180 anos da fundação da Obra Pontifícia da Infância Missionária

Queridas Crianças e Adolescentes Missionários, Pais, formadores e amigos!

No passado dia 19 de Maio foram celebrados os 180 anos da Fundação da Pontifícia Obra da Santa Infância e muitos de vós continuam a celebrar este feliz aniversário nestes dias.

D. Charles de Forbin-Janson, bispo de Nancy, Pastor dotado de um grande coração apostólico, fundou esta Obra em 1843, depois de ter descoberto, através das cartas dos Missionários franceses, que muitas crianças morriam, na China, por causa da fome e do abandono. Foi assim que nasceu nele uma forte preocupação pela salvação, não só física, mas também espiritual daquelas crianças, porque Jesus, o Filho de Deus, morreu e ressuscitou para a salvação de todos.

É deste seu zelo missionário que, agora, por ocasião deste aniversário, queremos tirar um primeiro ensinamento importante: o de nos preocuparmos pela salvação de todos. Como verdadeiros discípulos de Jesus, de facto, cultivando em nós um coração semelhante ao Seu, não podemos fazer outra coisa senão desejar ardentemente que todos se salvem. Foi assim que começou a vossa belíssima Associação que, ainda hoje, activa e vivaz, depois de 180 anos, ensina a tantas crianças e adolescentes do mundo inteiro a serem discípulos missionários.

Este ano celebra-se também o 150° aniversário do nascimento de um membro muito especial da Obra: Santa Teresa do Menino Jesus, Padroeira das Missões, nela inscrita desde os sete anos de idade. Hoje, dia I de Outubro, celebramos a sua memória litúrgica e, dela, queremos tirar um segundo ensinamento precioso: **com a nossa oração, mesmo se somos pequenos, podemos contribuir para fazer conhecer e amar Jesus, silenciosamente, ajudando os outros a fazer o bem.** A oração — assim nos ensina Santa Teresinha — é a primeira acção missionária, e pode alcançar todos os lugares do mundo, todas as crianças e adolescentes e todos os missionários. Por isso, convido-vos a crescer, através da oração, na amizade com o nosso Salvador e na amizade entre vós e com todas as crianças e adolescentes do mundo, para serdes construtores de paz.

Queridas crianças e adolescentes missionários, quero agradecer-vos porque com o vosso empenho ajudais-nos a todos a sermos testemunhas corajosos do Evangelho e a partilhar com os outros, além das ajudas materiais, o que temos de mais precioso: a fé. E quero agradecer também aos vossos pais e animadores que vos acompanham, promovendo o carisma e a espiritualidade da Obra da Santa Infância.

É uma "Obra Pontifícia", isto é, universal, da Igreja Católica, do Papa e, portanto, considero-vos meus colaboradores especiais. Recordo-vos, porém, que esta qualificação implica também um outro compromisso importante: o de construir pontes e relações, seguindo o exemplo do próprio Cristo, e a isso vos exorto também.

Continuai a empenhar-vos segundo o carisma que D. Charles de Forbin-Janson vos deixou, seguindo a "pequena via" de Santa Teresa do Menino Jesus, fiéis ao vosso lema: "as crianças rezam pelas crianças, as crianças evangelizam as crianças, as crianças ajudam as crianças."

Que o Senhor vos abençoe e vos acompanhe sempre e, peço-vos: não vos esqueçais de rezar por mim.

MISSÃO e Vida

A vocação de Maria

Maria oferece-nos um Deus-Criança: eis a missionária ideal da nova evangelização. Percorrer de novo os caminhos do mundo com a ligeireza e a solicitude de um coração a quem o Amor deu asas (ls 40), para que o sorriso e a voz do seu filho cheguem a todo o lado.

o coração do tempo do Advento que nos conduz ao Natal, no dia 8 de Dezembro, celebramos a Imaculada Conceição de Maria; o concebimento muito particular de uma vida com um destino singular. Com uma vocação única. Proponho que meditemos nela, a partir da narração de Lucas (1, 26-38). O seu segredo permanece escondido no mistério de Deus. Mas o seu reflexo luminoso no tempo e na História é fonte inexaurível de riquezas que continua a fascinar a mente e a encher de doçura o coração dos crentes.

Em Maria, Deus diz-nos: Não temas!

Maria é introduzida no mistério da sua vocação pelo anjo Gabriel: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo!» Tal saudação faz sobressaltar o coração de Maria. O anjo tranquiliza-a: «Não temas, Maria: encontraste graça diante de Deus.» Quando Deus encontra o homem, a primeira palavra que lhe dirige é: «Não temas!...» Encontramos na Bíblia 369 vezes este convite tranquilizador de Deus. Uma vez por cada dia do ano, com algumas suplementares para momentos particulares!...

O medo paira como ameaça contínua nas nossas vidas. O medo radical da morte, com os seus mil tentáculos, segue-nos como uma sombra sinistra a cada passo. Impede-nos de apreciar a vida, de saborear os seus momentos bons. Acabamos por ter medo de tudo e de todos. Inclusive de Deus. Ou sobretudo de Deus! Resultado da



"Não temas, Maria: encontraste graça diante de Deus".

imagem perversa de um «deus inimigo dos homens». O «Adversário» conseguiu insinuar no nosso subconsciente que Deus é um juiz implacável, uma espécie de espia omnipresente, o estraga-festas da nossa vida. Pobre Deus, que se vê continuamente temido, quando o Seu desejo é de amar e ser amado!

Em Maria, Deus faz-se pequenino!

Deus procura entrar nas nossas vidas com pezinhos de lã, para conquistar a nossa confiança, de passarinhos amedrontados. Receado pela Sua grandeza, foi-Se retirando para nos deixar todo o espaço que queríamos. Mesmo assim não deixou de ser temido. Decidiu, por fim, tornar-Se um de nós, pequeno e frágil, no seio de Maria. Quem teria medo de um menino? De um Deus-criança, que chora e sorri, que se abandona nos nossos braços? Como é grande e surpreendente o mistério do Natal!...

Este é o facto mais surpreendente e singular dos anais religiosos da humanidade. Deus que renuncia ao Seu poder para tornar-Se um de nós, fraco e humilde, desarmado e impotente! Saber que Deus Se fez

«em tudo igual a nós» (Hebreus 4, 15), que sofre connosco e como nós, de por si não dá uma «explicação» do mal, mas é um potente reconforto, na medida em que nos assegura que Deus «está connosco».

Talvez passemos demasiado depressa da visão e adoração do Deus--Menino ao Jesus adulto baptizado no Jordão. Teríamos necessidade de mais tempo para assimilar a «graça» do Natal. O olhar passa com excessiva celeridade da contemplação do sorriso de Jesus-criança à vida do Cristo-adulto, marcada pelo destino dramático da cruz. Havia que tomar todo o tempo necessário para saborear e interiorizar a Sua fase infantil. Aliás, o Filho de Deus encarnou-Se para «ficar» connosco. Ele «tem» todas as idades. Continua a ser o «Menino Jesus» e a renascer em cada criança. E a vocação maternal de Maria prolonga-se ao longo dos tempos: oferecer ao mundo o Filho de Deus-Infante.

Natal: sonho etéreo?

Deus é uma criança à procura de berço no nosso coração. É de um Deus-Criança que o mundo continua a ter necessidade. Com efeito, não é fácil dissipar o obscuro te-



mor de Deus que se apoderou da humanidade. E nós cristãos, por vezes, com a nossa «seriedade» acabamos por reavivar ainda mais tais medos e fazer uma má propaganda ao Deus amigo dos homens, condenado a ser o «papão» dos meninos.

Para vencer tal medo, muitos recorrem hoje a um novo estratagema: negar a existência de Deus! Ele não seria mais que um fantasma dos pesadelos da infância da humanidade! Pela mesma razão, o Natal quase desapareceu como «tempo religioso» para ser celebrado a nível comercial e social. Secularizado, no melhor dos casos tornou-se uma festa da família e das crianças. Uma ocasião para «fazer finta» que o mundo não é assim tão mau como se pinta. Por uns momentos, fechamos os olhos para sonhar um mundo encantador, bonito e fraternal! O festejado, o Menino de Deus, esse é ignorado. Continua a não haver lugar para Ele. Deus é condenado a ser o que é: invisível!... Naturalmente, depois da festa, ao abrirmos de novo os olhos, o sonho esvanece-se como uma bola de sabão. O regresso à realidade é ainda mais deprimente!...

Natal: tempo de Boa Nova!

Apesar de tudo, o tempo litúrgico de Advento e Natal continua a ser particularmente propício para proclamar a Boa Nova. Tal anúncio é confiado a três figuras, cada uma com uma palavra-chave e uma atitude específica correspondente: "Alegrai-vos com a promessa", convida-nos Isaías; "Convertei-vos para preparar a sua vinda", grita João Baptista; "Acolhei-o no vosso coração", sussurra-nos Maria.

Os três completam-se. Isaías com a sua erudição seduz a nossa mente e alimenta a nossa esperança. João Baptista inflama a nossa vontade e leva-a à decisão da conversão. Maria, com a sua presença discreta, toca as fibras mais profundas do nosso coração e faz nascer nele a ternura.

Qual dos três poderia ser o tipo de evangelizador adequado para o nosso tempo, para a nova evangelização a que somos convocados? Que modelo de apóstolo suscitaria menos resistências e recolheria mais êxito neste tipo de sociedade pós-moderna?

À procura de um novo tipo de missionário

Qual dos três escolher? O profeta Isaías? É sem dúvida um missionário cativante: com uma forte experiência de Deus, generoso (oferece-se voluntário como mensageiro divino: Isaías 6), versado nas Escrituras, culto, escritor e poeta refinado, personalidade forte (cap. 7), homem de elite, optimista e visionário (cap. 12), um profeta cujo influxo se prolongou durante séculos!...

Sem dúvida que a sua palavra erudita e iluminada, o seu ideal e mensagem reconfortantes continuam a ter impacto no nosso tempo. Há, porém, um senão: Isaías é um visionário que vem «de longe», sete séculos antes de Cristo. Não é uma «testemunha dos factos»!...

Passemos a João Baptista. As suas qualificações são diversas, mas não menos importantes. Trata-se do «Precursor do Messias»! Uma vida marcada desde a sua concepção por um destino singular que suscita maravilha ao seu redor (Lc I, 62). Uma figura caracterizada pelo rigor ascético (Mc I, 6). Uma Voz profética forte que ressoa por toda a Palestina, atraindo discípulos e multidões! Uma testemunha que acaba por selar a sua missão com o martírio. «O maior dos filhos nascidos de mulher», dirá Jesus (Lc 7, 28).

Sem dúvida que este homem de carácter rude e forte, que desafía as instâncias do poder corrompido, com uma voz profética que agita as consciências, encontrará sempre simpatizantes. Mas talvez não seja o tipo de evangelizador que procuramos. A estratégia de «choque» utilizada pelo Baptista deu muito fruto noutras épocas. Hoje parece encontrar escasso resultado. Por causa talvez de um uso exagerado feito por certos «pregadores de mau agoiro», em voga em alguns meios sectários. Depois do impacto inicial, tornam-se frequentemente objecto de troça!...

Com as Sandálias de Isaías e a Voz do Baptista

Sem ter de tecer a «litania» das qualificações de Maria, acho que Ela poderia ser a porta-voz deste trio escolhido por Deus para preparar os corações a acolher o Seu Filho. Isaías poderia oferecer-lhe as suas sandálias de mensageiro e o Baptista ceder-lhe a sua voz de profeta. A Palavra encontraria nela agilidade e leveza, simplicidade e pureza, graciosidade e beleza. A jovem donzela Maria de Nazaré daria um novo fôlego ao anúncio da Boa Nova. Despojá-la-ia de tantos acessórios e atavios que acabam por fazer-lhe sombra. A Palavra recuperaria o seu esplendor e vitalidade. Libertá-la-ia da armadura inútil e paralisadora, com que se revestiu na luta contra os «Golias» do nosso tempo, que torna lento e pesado o seu passo e suscita não poucas reacções de desconfiança e resistência. A Palavra recuperaria a destreza, a confiança e a simpatia do jovem David!

Uma donzela, oferecendo um Deus-Criança: eis a missionária ideal da nova evangelização. Percorrer de novo os caminhos do mundo com a ligeireza e a solicitude de um coração a quem o Amor deu asas (Is 40), para que o sorriso e a voz do seu filho cheguem a todo o lado.

Menino Jesus, não cresças!

Maria, oferece-nos o seu filho criança, que sorri para nós e se abandona com confiança nos nossos braços; que abre os nossos lábios ao sorriso e o coração à ternura; que desperta a criança adormecida em cada um de nós. Deste Deus-Menino não temos nós medo. Mas que Ele não cresça! Eternamente pequenino! Cresceremos nós, contemplando nos Seus olhos a eterna infância! Até que um dia, vencidos todos os medos, n'Ele nos descubramos filhos! E então correremos ao encontro do Pai para nos lançarmos confiantes no Seu infinito Abraço. N'Ele, felizes, repousaremos enfim, todos crianças!... 🔶

P. Manuel João Pereira Correia Missionário Comboniano

MISSÃO em Portugal

Ideias-força das Jornadas Missionárias 2023

As Jornadas Missionárias deste ano, as primeiras depois do interregno causado pela pandemia de Covid-19, e do grande acontecimento eclesial da Jornada Mundial da Juventude, Lisboa 2023, tiveram lugar em Fátima, nos dias 23-24 de Setembro 2023, no Auditório da Consolata.

A partir do tema da mensagem do Papa para o Dia Mundial das Missões, "Corações ardentes, pés ao caminho" (cf. Lucas 24, 13-35), partilhámos experiências de vida e dinâmicas pastorais e missionárias que têm contribuído para dinamizar paróquias/comunidades/grupos.

As cerca de 100 pessoas presentes tiveram a oportunidade de reflectir sobre o modo como alguns leigos, religiosos e sacerdotes são missão — no voluntariado missionário em Portugal e no sul do mundo, nas periferias das nossas cidades e em situações de exclusão, como trabalham para o despertar da fé na catequese, na escola e na pastoral juvenil — e de se deixarem inspirar como discípulos missionários de Jesus.

Algumas das ideias-força que emergiram no decorrer dos trabalhos:

1. Observar e compreender a dinâmica missionária das primeiras comunidades cristãs é fundamental para orientar e fortalecer a missão da Igreja hoje, a nossa missão. Nos escritos ligados a Lucas e Paulo, que constituem mais da metade do Novo Testamento, encontramos a inquestionável centralidade de lesus na missão dos primeiros cristãos. Com Cristo como centro, o missionário é aquele que caminha. 'Caminhar' e 'caminhar com' caracterizam todo o discípulo-missionário. Neste caminhar, é indispensável uma abertura à surpresa.

2. No Livro dos Actos dos Apóstolos, observamos como os primeiros cristãos se esforçaram para se adaptar e conectar-se o máximo



O P. César Silva reflectiu sobre "A dinâmica missionária das primeiras comunidades cristãs"

possível à realidade. Neste sentido, Paulo procurou anunciar Cristo em várias Sinagogas (Act 9, 20; 13, 5; 14, 1; 17, 1-2...).

3. Ao lermos as suas próprias cartas, vemos que Paulo se apresenta como missionário de Cristo para os gentios. A ênfase numa missão colaborativa é uma constante nas suas cartas. Há muitos nomes de comunidades, famílias e pessoas que fizeram parte da rede missionária de Paulo. A memória e a imitação tornaram-se elementos essenciais na dinâmica missionária das primeiras comunidades (1 Ts 1, 6; 1 Cor 11, 1.23-26). Tal como no batimento do próprio coração (sístole e diástole), o amor de Cristo nos absorve/ constrange/abraça e nos impele (2 Cor 5, 14).

4. Sente-se a necessidade de ir além da pastoral de manutenção e encontrar novos caminhos para chegar a quem está fora ou mais afastado e àqueles que, estando dentro, não fizeram verdadeiramente a experiência de Cristo. Entre outros métodos, o Projecto Alpha (https://paroquiapacodearcos.pt/projeto-alpha/) é um método de evangelização/primeiro anúncio, que ajuda as pessoas a organizar a sua vida a par-

tir da fé e a criar uma cultura paroquial de acolhimento, comunhão, participação e missão.

5. O contributo que nos chega da missão 'ad gentes' – de grandes distâncias e reduzido clero – desafianos a mudarmos a nossa organização pastoral e a envolver mais os leigos na pastoral.

6. As periferias geográficas, socais e existenciais estão a crescer. O segredo do trabalho nos bairros degradados e nas situações de fronteira é deixar-se conduzir pelo Espírito, de modo a buscar novas formas de presença e "ser surfistas do amor nas ondas que nos desafiam".

7. As experiências de voluntariado – testemunhado por pessoas e famílias missionárias em Portugal e no estrangeiro, que tiveram a coragem de "substituir os medos pelos sonhos", como nos exortou o Papa Francisco durante a JMJ – fez experimentar que é mais aquilo que se recebe do que aquilo que se dá.

8. As aulas de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) são laboratórios de ecumenismo e de diálogo inter-religioso e um lugar onde os alunos podem ser eles mesmos e



despertar para a fé, através do vínculo, da busca de sentido e da beleza.

- 9. A catequese deve transmitir a mensagem da Igreja e ajudar as crianças e adolescentes a apropriar-se dela. Por isso, é importante a ligação entre os conteúdos que se comunicam (ensino teórico) e a participação progressiva na comunidade cristã local e na sua missão, de modo que as crianças cresçam no discernimento vocacional e no discipulado missionário.
- 10. A pastoral juvenil deve contribuir para que os jovens cresçam na fé e na espiritualidade. Eis propostas e dinâmicas que podem ajudar a alcançar esse objectivo: testemunhos inspiradores, retiros espirituais (com novas linguagens), grupos de estudo da Bíblia, envolvimento em serviço comunitário, adoração e louvor, dinâmicas de grupo, acompanhamento e aconselhamento, missões e viagens de solidariedade. debates e discussões e celebrações festividades. Frequentemente, porém, há uma inversão da ordem destas prioridades.
- II. A missão é um dom de Deus, que descobrimos no encontro pessoal com Jesus. Sem oração não há missão. E missão é estar com as pessoas, fazer comunidade e ser testemunhas de esperança, mesmo

quando não se pode fazer muito. Pelo menos, podemos dedicar-nos à "pastoral do estar e do escutar".

- 12. Somos colaboradores na Missão universal que é de Deus e que Ele está a realizar na história. Cristo ressuscitado não só nos acompanha, como nos precede, de acordo com a nossa experiência missionária. Ele já está presente e activo nas pessoas e nos ambientes a quem somos enviados.
- 13. Em Cristo, Deus não deu uma missão à Igreja, Deus deu a Igreja à Missão, como comunidade que colabora na realização do Seu Plano para toda a Humanidade. A colaboração da Igreja na Missão de Deus é uma colaboração sinodal. Cada grupo, cada comunidade de discípulos, cada Igreja Local participa à sua maneira e segundo o seu ritmo na missão universal.
- 14. Os missionários e missionárias enviados 'ad gentes', como Barnabé e Paulo, a fundar comunidades onde o Evangelho ainda não é conhecido, devem contar com o apoio das comunidades que os enviaram. Ao regressarem, os missionários são um recurso precioso para a renovação das comunidades que os enviaram. Eles/as ajudam as comunidades a renovarem-se seguindo o 'paradigma missionário'.



D. Antonino Dias, Bispo de Portalegre, presidiu à Eucaristia de encerramento das Jornadas.

OMP na Feira Vocacional



Durante a Jornada Mundial da Juventude, as Obras Missionárias Pontifícias tiveram um stand na Feira Vocacional, onde passaram milhares de jovens a quem procurámos dar a conhecer um pouco do nosso trabalho como rede de oração, solidariedade e partilha entre as Igrejas.

A coordenadora da Pastoral e Eventos Centrais da Cidade da Alegria, Rita Parreira do Amaral, escreveu que esperavam quatro mil peregrinos por dia, "mas nunca tiveram menos de 30 mil", o que mostra "a importância de um lugar como a Cidade da Alegria e que as pessoas precisam realmente de saber o que Deus lhes está a pedir."

No nosso stand, contámos com a ajuda de voluntários norte-americanos (Alixandra, Isabella e Cindy), de França (Pierre-Marie, de Lyon), de Aveiro (dia 2 de Agosto, de tarde), da Letónia (Padre Rihard Rasnacis, no dia 4) e do Porto (Padre Alípio Barbosa, no dia 4), a quem estamos imensamente gratos pela disponibilidade e ajuda.

Alixandra e Zala, da Eslovénia deram o seu testemunho de trabalho voluntário no palco da Feira Vocacional, no dia 3 de Agosto.

MISSÃO em Portugal

PEDITÓRIOS DIOCESANOS 2022

DIA MUNDIAL DAS MISSÕES

Dioceses	Peditório	Número	Média	
	2022	de Paróquias	por Paróquias	
ALGARVE	4.604,49 €	81	56,85 €	
ANGRA	2.791,94 €	165	16,92 €	
AVEIRO	9.848,59 €	101	97,51 €	
BEJA *	4.405,38 €	121	36,41 €	
BRAGA	31.018,98 €	551	56,30 €	
BRAGANÇA	2.090,37 €	321	6,51 €	
COIMBRA *	22.193,94 €	271	81,90 €	
ÉVORA	7.160,69 €	156	45,90 €	
FUNCHAL*	16.968,00 €	96	176,75 €	
GUARDA	27.019,45 €	360	75,05 €	
LAMEGO	17.500,00 €	223	78,48 €	
LEIRIA-FÁTIMA *	17.160,64 €	73	235,08 €	
LISBOA	34.616,45 €	285	121,46 €	
PORTALEGRE **		161		
PORTO	45.269,38 €	477	94,90 €	
SANTARÉM **		113		
SETÚBAL *	11.211,91€	57	196,70 €	
VIANA DO CASTELO	11.096,50 €	291	38,13 €	
VILA REAL	25.519,05 €	264	96,66 €	
VISEU *	14.734,32 €	208	70,84 €	
ORD. CASTRENSE	114,49€	1		
TOTAL	305.324,57 €	4377	80,80 €	
* O valor do Guião Missionário foi deduzido ao valor total enviado.				
** Dioceses que, até ao momento, não enviaram o Peditório de 2022.				
OBRA DE S. PEDRO APÓSTOLO				
1.150,00 €				
OBRA DA INFÂNCIA MISSIONÁRIA 21.224,35 €				
(F , 1	21.224	,35 €		

No momento de fazer o seu testamento, pense na Igreja!

(Fruto dos mealheiros missionários e de algumas ofertas particulares)

Se não tem familiares próximos e tenha dúvidas a quem queira deixar os seus bens, pode contemplar ideia de deixar parte deles para ajudar as Igrejas mais jovens noutros continentes. Nesse caso pode fazer o seu testamento à Obra da Propagação da Fé — o nosso nome oficial — especificando a Obra a que se destina: Obra da Propagação da Fé, Obra da Infância Missionária, Obra de S. Pedro Apóstolo, ou Obra da União Missionária Pontifícia. A sua ajuda será canalizada para Roma, para o fundo de solidariedade universal com que o Santo Padre ajuda as novas Igrejas. O seu gesto assegura-lhe a gratidão e a oração da Igreja missionária.



"A urgência da acção missionária da Igreja comporta naturalmente uma cooperação missionária, cada vez mais estreita, de todos os seus membros a todos os níveis."

(Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial das Missões 2023)

Como ajudar a Igreja Universal através das OMP?

O nosso número de conta, NIB e IBAN, para a transferência de fundos é o seguinte:

Obra da Propagação da Fé

Banco Millennium-BCP N° Conta: 23521434

NIB: 0033 0000 0002 3521 434 05 IBAN: PT 50 0033 0000 0002 3521

434 05

Agradecemos que os doadores nos contactem para nos darem o seu NIF e direcção, de modo a que possamos mandar-lhes o recibo para efeitos de IRS.

As Obras Missionárias Pontifícias são uma rede de oração, informação, solidariedade e partilha com a Igreja Missionária.

Muito obrigado a todos os que nos enviam os seus donativos, para estas Obras. Todos os dias, às 5 horas da tarde, na Basílica de S. Pedro, em Roma, é rezada uma Eucaristia pelas intenções dos colcaboradores das Obras Missionárias Pontifícias.

MISSÃO e Testemunh



CEPAC: 30 anos a construir Esperança



O Centro Padre Alves Correia (CEPAC), situado na Rua de Santo Amaro à Estrela, n° 43, apoiou mais de 100 mil imigrantes.

Paptizou-se este Centro com o nome do Padre Alves Correia, missionário da Congregação do Espírito Santo, falecido no exílio em I de Junho de 1951, pelo seu trabalho em favor da justiça e paz e por ter sido um defensor ardente da verdade e dos direitos humanos, nomeadamente das classes mais desfavorecidas», lê-se na primeira acta do Livro de Actas do CEPAC, de 28 de Março de 1992, que assinala o início das actividades da Instituição.

A Instituição, criada por iniciativa e sob a responsabilidade da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, ao serviço dos imigrantes e refugiados em Portugal, tem como missão, "apoiar a pessoa imigrante em situação de vulnerabilidade na construção de um projecto de vida digna e feliz."

Ao longo de 30 anos, o Centro Padre Alves Correia (CEPAC) tem vindo a assumir um papel de relevo no acolhimento de imigrantes e refugiados, prosseguindo a sua missão, na fidelidade aos valores da dignida-

de, do compromisso, da solidariedade e da proximidade, honrando o legado de tantas pessoas que colocaram e colocam os seus dons ao serviço desta obra.

Continuamos, hoje, a dar voz aos que a não têm e a contribuir para uma sociedade aberta e solidária, defendendo causas que poucos aceitam defender.

Em 30 anos, foram mais de 100 mil os imigrantes em situação de vulnerabilidade que contaram com o CEPAC na construção dos seus projectos de vida. Na sua maioria mulheres, em idade activa, são pessoas que enfrentam multi-vulnerabilidades associadas à sua situação documental, ao acesso à habitação, à formação e capacitação e ao trabalho digno.

Nos últimos anos a instituição alargou a sua atividade aos territórios de maior pressão migratória da área metropolitana de Lisboa e assegura hoje atendimentos de proximidade nas Freguesias de Unhos, Catujal, Sintra, Amadora e Arroios,

contando com uma equipa técnica de 16 colaboradores e mais de 50 voluntários que garantem, diariamente, os serviços de atendimento e acompanhamento social, formação profissional e formação, saúde e restantes serviços de suporte.

Enquanto Instituição Particular de Solidariedade Social, o CEPAC pertence às principais redes sociais e de empregabilidade de Lisboa, assumindo um papel relevante no desenho e concretização das respostas à população imigrante.

Sob a tutela do Alto Comissariado para as Migrações, o CEPAC é hoje um dos Centros Locais de Apoio ao Imigrante (CLAIM) e responsável pela dinamização de um Gabinete de Inserção Profissional Imigrante (GIP), em parceria com o Instituto de Emprego e Formação Profissional.

São 30 anos a construir Esperança, a tantas mãos e corações.

Ana Mansoa Directora do CEPAC

21

A MISSÃO é divertida

"Ora bolas, a minha sandes!"



Ilustração: Ana Romão

a bela cidade de Málaga, no sul de Espanha, vários institutos tinham-se reunido para uma semana de animação missionária: os Padres Brancos (Missionários de Africa), os Espiritanos, os Combonianos e as Irmãs Mercedárias de Berriz, entre outros. Visitaram escolas, paróquias, grupos de jovens e associações várias.

A Irmã Anna tinha sido acolhida no convento das Irmãs de S. Vicente, onde o Padre Stefano foi procurá-la. Tinham marcado um encontro com os alunos de uma escola chamada "Los Olivos". Características do P. Stefano: barba espessa, cabelo que vento daquele dia tornava ainda mais desgrenhado, casaco de pele de ovelha pelas costas, sandálias tipo peregrino Russo, enfim, o típico comboniano dos anos oitenta.

Ao chegar, tocou a campainha e ouviu os passos de alguém a aproximar-se. Um olho espreitou-o do interior pelo buraco da porta; depois, os passos afastaram-se. Seguiram-se alguns momentos de silêncio. Finalmente, a porta abriu-se, mas apenas uma mão apareceu com uma sanduí-che para o "mendigo". O P. Stefano pegou nela, agradeceu e ficou à espera.

À Irmã que fez o acto de caridade ficou atrás da porta, de Missionário Comboniano

olho no óculo. Como ele não dava sinais de se ir embora, ela perguntou-lhe: "Precisa de mais alguma coisa? "Sim, vim à procura da Irmã Anna para irmos à escola." "Ah, é o missionário!" "É verdade." "Oh, peço desculpa, não o reconheci!", desculpou-se a freira, arrebatando rapidamente a sandes das mãos do missionário. Ainda não tinha tomado o pequeno-almoço e já estava a comer com os olhos a sanduíche que não tinha pedido, mas que lhe tinham dado com tanta cortesia.

Padre Neno Contran

Escaparate





Encontro Inter-Diocesano da IAM, organizado pelo grupo Oliveirinhas, no dia 5 de Outubro, na paróquia de S. Miguel de Oliveira de Azeméis. O dia contou com uma visita ao atelier do vidro, dois 'peddy papers' e uma tarde de animação-convívio, onde não faltou a magia. O dia terminou com a Eucaristia presidida pelo senhor Bispo D. Roberto Mariz. Estiveram presentes cerca de 100 pessoas da Diocese do Porto e da Arquidiocese de Braga.

Quadro panorâmico da Igreja no mundo

- Em 31 de Dezembro de 2021 o último ano para o qual há estatísticas o número de católicos no mundo era de 1.375.852.000. Houve um aumento de 16.240.000 em relação ao ano anterior, em todos os continentes, excepto na Europa, onde diminuíram 244.000.
- A percentagem mundial de católicos diminuiu ligeiramente (-0,06) em relação ao ano anterior, sendo de 17,67%. O número de bispos, de padres diocesanos e religiosos, de religiosos não sacerdotes, de religiosas e de seminaristas maiores, diocesanos e religiosos diminuiu. Por sua vez, o número de diáconos permanentes e de seminaristas menores, diocesanos e religiosos, aumentou.
- No domínio da educação e da formação, a Igreja dirige 74.368 estabelecimentos de ensino pré-escolar em todo o mundo, frequentados por 7.565.095 alunos; 100.939 escolas primárias para 34.699.835
- alunos; 49.868 escolas secundárias para 19.485.023 alunos. Além disso, acompanha 2.483.406 alunos do ensino secundário e 3.925.325 estudantes universitários. As instituições de saúde, de caridade e de assistência geridas pela Igreja Católica no mundo incluem: 5.405 hospitais, 14.205 dispensários, 567 leprosários, 15.276 lares para idosos, doentes crónicos e deficientes, 9.703 orfanatos, 10.567 jardins de infância, 10.604 centros de aconselhamento matrimonial, 3.287 centros de educação ou reeducação social e 35.529 outras instituições sociais.
- Há um total de 1.121 circunscrições eclesiásticas dependentes do Dicastério para a Evangelização (Secção para a Primeira Evangelização e as Novas Igrejas Particulares), de acordo com a última alteração registada. A maior parte das circunscrições eclesiásticas confiadas ao Dicastério encontra-se em África (523) e na Ásia (481). Seguem-se a América (71) e a Oceânia (46).

CRIANÇAS AJUDAM CRIANÇAS



A Festa da Infância Missionária celebra-se no dia 7 de Janeiro, Solenidade da Epifania, cuja celebração da Eucaristia poderia ser centrada nas crianças (ver uma proposta de Celebração da Epifania para crianças, no Guião Missionário 2023-2024). Nesse dia, em que recordamos a chegada dos magos a Belém com os seus dons, as crianças também trazem os seus Mealheiros Missionários, nos quais depositaram as suas ofertas, durante o Tempo de Advento e de Natal, e que podem ser recolhidos durante o Ofertório. Em Portugal, não está (ainda) estipulado fazer a colecta em favor da Obra Pontifícia da Infância Missionária. Mas isso não impede as paróquias que o desejarem de se juntarem às crianças da catequese para demonstrar a sua solidariedade com as crianças mais pobres e negligenciadas do mundo.

Na celebração da Missa sugere-se o uso de uma das orações eucarísticas das Missas para Crianças (ver Novo Missal, pp. 1421 e seguintes).

Pode enviar donativos para: Obras Missionárias Pontifícias Banco Millennium BCP NIB: 003300000002352143405



"Só a confiança e nada mais do que a confiança tem de conduzir-nos ao amor. ... Não há outra via que devamos percorrer para ser conduzidos ao amor que tudo dá."

(Exortação Apostólica C'est la confiance, do Santo Padre Francisco, sobre a confiança no amor misericordioso de Deus, por ocasião do 150° aniversário do nascimento de Santa Teresa do Menino Jesus)